

ANTONIO PEDRO TOTA

O amigo americano

Nelson Rockefeller e o Brasil

Copyright © 2014 by Antonio Pedro Tota

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto de capa

O político americano Nelson Rockefeller no almoço oferecido pelos “Diários Associados” no Rio de Janeiro. Na foto, Rockefeller com as senhoras Jorge Guinle e Mercedes Fontana. 06/12/1952.

Acervo jornal *Estado de Minas*/ Utaro Kanai/ Arquivo *O Cruzeiro*

Preparação

Officina de Criação

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Jane Pessoa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tota, Antonio Pedro

O amigo americano : Nelson Rockefeller e o Brasil / Antonio Pedro Tota — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Bibliografia

ISBN 978 -85 -359 -2429-9

1. Brasil — História
2. Brasil — Relações exteriores — Estados Unidos
3. Guerra Mundial, 1939-1945 — História diplomática
4. Rockefeller, Nelson Aldrich, 1908-1979 l. Título.

14-03771

CDD -327.81

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Relações políticas : Estados Unidos

327.81

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Prólogo: o amigo americano</i>	11
1. A formação de um predestinado	21
2. A descoberta do Brasil	64
3. A redescoberta do Brasil	101
4. A salvação da lavoura (I): semeando o bem-estar	168
5. A salvação da lavoura (II): anticomunismo e negócios ..	228
6. Cartas a um milionário: um americano na terra do favor	301
7. Arte e cultura: receitas para a elite brasileira	340
<i>Epílogo: missão cumprida?</i>	369
<i>Agradecimentos</i>	401
<i>Notas</i>	407
<i>Referências bibliográficas e fontes</i>	431
<i>Cronologia</i>	443
<i>Créditos das imagens</i>	451
<i>Índice remissivo</i>	453

Prólogo: o amigo americano

Na madrugada de 28 de novembro de 1944, o submarino alemão U-1230 começou a emergir das águas turvas da baía Frenchman, no estado do Maine, extremo norte da costa atlântica dos Estados Unidos. O comandante fez o barco subir o suficiente para acionar o periscópio e confirmou sua localização graças ao farol da península de Seal Harbour, centro de veraneio da aristocracia americana da Costa Leste. Navegavam nas águas profundas na região da ilha Mont Desert. A tripulação falava muito baixo ou mantinha-se em silêncio. Os alemães temiam ser detectados pelos aparelhos de escuta das Forças Armadas americanas. Um sonar bem que poderia estar vasculhando a área.

Nessa época, as forças aliadas avançavam por França, Bélgica e Holanda e se aproximavam do Reno. Na frente oriental, o Exército Vermelho já havia libertado a maior parte do território, tomado algum tempo antes pelos nazistas, e se dirigia, célere, para Varsóvia, capital da Polônia. Por isso, os americanos nem mesmo cogitavam que um submarino alemão se atrevesse, em fins de 1944, a se aproximar de suas praias. Principalmente porque, além

das derrotas das forças terrestres, a maior parte da outrora poderosa frota de submarinos da Kriegsmarine, a Marinha de guerra alemã, estava fora de combate em função das bombas de profundidades lançadas por aviões, barcos patrulheiros e contratorpedeiros da Marinha americana.

O comandante posicionou o U -1230 no fundo lodoso da baía. O dia clareava e ele teria de esperar pelo anoitecer para cumprir as ordens recebidas: desembarcar dois homens, Erich Gimpel e William Curtis Colepaugh, nos Estados Unidos. A missão dos dois era obter informações variadas sobre o país inimigo. Os chefões na Alemanha queriam saber, por exemplo, se Roosevelt era popular entre as minorias de imigrantes, se a propaganda antinazista poderia ser combatida de algum modo, se o racionamento provocara descontentamento entre os americanos. As informações seriam transmitidas por rádio para a Alemanha. A presença dos dois agentes nos Estados Unidos talvez fizesse parte de uma tática desviacionista para a preparação do contra-ataque alemão nas Ardenas, a última e inútil tentativa dos nazistas, que seria realizada no gelado dezembro daquele ano. Uma coisa era certa: a missão era um sinal dos desesperados planos de Hitler para reverter a crítica situação militar da Alemanha àquela altura da guerra.

Erich Gimpel era alemão e William Colepaugh, americano nascido e criado em Connecticut. O primeiro, militante nazista, já havia feito alguns trabalhos de informação; o americano, neto de alemães, se encantou com as propostas do regime de Hitler e conseguiu chegar à Alemanha para contribuir com a construção do “império de mil anos”. Antes de embarcar para a missão nos Estados Unidos, os dois receberam treinamento intensivo do major das SS Otto Skorzeny, mundialmente famoso por ter resgatado Mussolini da prisão em setembro de 1943. Na “escola” da SS aprenderam, por exemplo, a manipular explosivos, atirar com diferentes armas

de fabricação alemã e americana, usar tinta invisível para escrever relatórios e passar informações.

O americano e o alemão de viam estar um pouco nervosos quando o submarino emergiu naquela noite. Em roupas civis, pegaram suas malas e pularam para o bote inflável que a tripulação tinha amarrado na proa. Embarcaram com certa dificuldade e rumaram para a praia. Sessenta mil dólares (uma fortuna para a época), munição, duas pistolas Colt automáticas calibre .32, cem pedras de diamante, dois vidros de tinta invisível, uma câmara Leica, uma muda de roupas era o que levavam os dois espiões a serviço da agonizante Alemanha nazista. Pelas regras de guerra, não eram considerados combatentes e estavam sujeitos à pena de morte se fossem pegos. Tomaram muito cuidado ao chegar à praia de Crabtree Neck, vilazinha habitada por poucas famílias de pescadores. O bote de borracha foi puxado de volta para o submarino, que fez meia-volta, tomou o rumo leste e sumiu na escuridão do Atlântico Norte.

Colepaugh e Gimpel conseguiram pegar um táxi e, em meio à neve que caía, chegaram à estação de Bangor, cidade situada no coração do estado do Maine. Tomaram um trem, rumaram para Boston e de lá para Nova York, onde alugaram um estúdio e compraram um rádio que Gimpel transformaria num aparelho transmissor. Estava montado o quartel-general da espionagem.

Nova York se preparava para o Natal. Para Colepaugh, o cenário era familiar; parecia estar matando a saudade de casa. Para o alemão Gimpel, as luzes, a grande árvore de natal iluminada do Rockefeller Plaza, a pista de patinação e o colorido das roupas devem ter causado algum impacto. A guerra tinha provocado restrições, mas mesmo o racionamento, ainda em vigor, não era suficiente para ofuscar a exuberância americana. Os dois entraram nas lojas, compraram sobretudo elegantes, sapatos de boa qualidade, gravatas e camisas finas. O objetivo era passar despercebidos

na sociedade nova-iorquina. Entretanto, talvez o reencontro com o *American way of life* tenha afetado o americano William Colepaugh, pois ele acabou tendo uma crise de consciência: não queria mais a vitória da Alemanha; não imaginava o fim da América da liberdade e, principalmente, o fim da América da abundância. Despistou o alemão e entregou-se à polícia federal americana, o FBI.

Colepaugh passou parte do Natal de 1944 com os investigadores americanos. Dois dias depois, Erich Gimpel foi preso e não escondeu nada, falou tudo o que sabia. Os dois foram julgados, considerados culpados e condenados à morte. Em meados de 1945, a pena comutada pelo recém-empossado presidente Harry Truman deu liberdade aos ex-espões.¹

Durante a investigação, nos primeiros dias de 1945, os detetives recolheram o que havia sobrado dos 60 mil dólares, o aparelho de rádio, os vidros de tinta secreta, os diamantes. Na bagagem, havia ainda documentos falsos de identidade e, junto com os papéis de Erich Gimpel, uma carta de uma certa “*Frau Haeff*” dirigida à própria filha, que vivia em algum lugar do continente americano. Até aí, nada de muito estranho, pois havia muitos alemães e descendentes de alemães vivendo nos Estados Unidos, no Brasil e em outras partes do continente. O correio entre a Alemanha e a América era quase inexistente. O problema era que a destinatária, a filha da senhora Haeff, carregava o sobrenome do chefe de governo de um país-chave nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Tratava-se de Ingeborg Anna Elizabeth Tenn Haeff Vargas, nora do presidente Getúlio Vargas, e foi então que os problemas começaram.

Os Estados Unidos viviam sob um clima de crescente paranoia. Todos eram suspeitos de atividades antiamericanas, principalmente os alemães exilados. Nessa época viviam em Nova York e na Califórnia escritores, intelectuais e artistas como Thomas Mann, Heinrich Mann, Klaus Mann, Bertold Brecht, Arnold Schönberg,

Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Erich Maria Remarque, entre tantos outros que conseguiram escapar das perseguições nazistas. Todos eram vigiados de perto pelo FBI e por outras agências dos serviços secretos da Marinha e do Exército. Tinham suas correspondências violadas, telefones grampeados, lixo vasculhado à procura de qualquer sinal de simpatia por ideias socialistas, comunistas e, claro, nazistas. Por isso, os órgãos de segurança, em especial o FBI, os chamavam de “*communazis*”.² Não era de estranhar, portanto, que desconfiassem de Ingeborg.

Por que um espião, em missão considerada muito secreta e de alto risco, com uma bagagem exígua, havia servido de portador de mensagens de uma senhora desesperada pelas circunstâncias da guerra? Talvez isso pudesse ser atribuído a uma suposta amizade de Gimpel com a família Haeff; talvez Gimpel não tivesse feito tanto segredo de sua viagem e *Frau* Haeff, sabendo da sua missão, houvesse pedido o favor. De todo modo, era uma situação bastante estranha e que revelava certa displicência do serviço secreto alemão, na época já em crise com a prisão e a subsequente execução do almirante Canaris, chefe do serviço de informação e de contraespionagem (*Abwehr*), suspeito de participar do atentado contra Hitler em meados de 1944.

Mas havia outras perguntas que ficavam sem respostas: *Frau* Haeff estava segura de que a carta chegaria às mãos da filha? Será que Ingeborg tinha alguma ligação com os espiões? Mesmo que houvesse condições de enviar a correspondência pelas vias normais, isto é, pelo correio, todas as cartas passavam pela censura (Office of Censorship), que abria as cartas provenientes dos países beligerantes. O recado dizia que ela, a mãe, estava bem, mesmo depois de ter sido presa por causa de um protesto contra um funcionário do governo nazista.

Getúlio Vargas não fazia a menor ideia de que esta va sendo envolvido em uma trama de espionagem nos Estados Unidos na-

quele complicado começo de 1945, isto é, no exato momento em que se ocupava intensamente da articulação para a transição política que poria fim ao Estado Novo. O caso beirou uma crise diplomática e mais tarde desdobrou-se em um escândalo de infidelidade conjugal, como veremos adiante. Por sorte, quem se ocupou de tudo nos Estados Unidos foi um americano considerado amigo do Brasil.

Numa correspondência confidencial, datada de 8 de fevereiro de 1945, assinada simplesmente “Edgar” — que não era outro senão o temido Jr. Edgar Hoover, diretor do FBI —, o nome de Getúlio era citado: “Ele [Gimpel] pediu a agentes desta repartição que passassem essas informações ao presidente Getúlio Vargas ou a seu filho, e que eles a visassem a senhora Vargas [Ingeborg]”.³ O documento era endereçado ao “Honorável Nelson A. Rockefeller, subsecretário do Departamento de Estado Americano”. O destinatário tinha um posto equivalente ao de um vice-ministro para assuntos de relações com a América Latina. Hoover já havia telefonado a Nelson, falando da suspeita sobre Ingeborg. O chefe do FBI mostrava certa intimidade com o subsecretário. Não é comum em documentos oficiais, principalmente os secretos, o missivista assinar seu primeiro nome.

Mas por que o diretor da mais temida agência americana, famoso por ter perseguido anarquistas, sindicalistas e comunistas na década de 1920, eliminado gângsteres como Al Capone, Baby Face, Machine Gun Kelly, telefonava e escrevia para Nelson A. Rockefeller ao tratar do caso dos dois espões nazistas que levavam uma pequena carta para a nora do presidente do Brasil?

Depois de Edward Stettinius, secretário de Estado, Nelson Aldrich Rockefeller era o funcionário mais graduado nas relações dos Estados Unidos com a América Latina. Era um dos raros americanos que acreditava em contatos e amizades pessoais como via de boas relações internacionais, e nisso ele se aproximava do pre-

sidente Franklin Roosevelt. Na política internacional, dizia Roosevelt, uma “diplomacia pessoal” funcionava mais do que os caminhos tortuosos do Departamento de Estado. Um dos motivos pelos quais Roosevelt contratou Nelson, em agosto de 1940, para trabalhar em seu governo como coordenador do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, a agência para assuntos interamericanos dos Estados Unidos, nada teve a ver com o fato de ele ser herdeiro de uma das maiores fortunas do mundo, mas sim com o bom trânsito que mantinha com a elite latino-americana.

Em fevereiro de 1945, Roosevelt, acompanhado do secretário de Estado, estava em Ialta, na gélida Crimeia, no Mar Negro, conferenciando com Stálin, o líder soviético, e Churchill, o primeiro-ministro britânico. O encontro dos três grandes, quase no fim da guerra, era um último esforço para traçar o perfil de um mundo novo e para redesenhar sem conflitos o mapa da Europa. Nelson Aldrich Rockefeller tinha ficado nos Estados Unidos e se comunicava com o FBI para tratar do episódio da nora de Vargas no mesmo momento que os chefes de Estado conferenciavam no outro lado do globo. Ele comandava aquilo que os americanos chamam de “show de um homem só”. Ou seja, era a única — e portanto a mais poderosa — autoridade da política americana para a América Latina, em especial para a com o Brasil, o parceiro preferencial dos americanos ao sul do rio Grande.

Entende-se por que J. Edgar Hoover contactou Nelson assim que soube da notícia das relações entre os espões vindos da Alemanha e a noroeste de Getúlio Vargas. Tratava-se de mais um caso envolvendo os dois países levando ao conhecimento de Nelson. Durante toda a guerra ele cuidou de manter o Brasil ao lado dos Estados Unidos, com ações que iam além das questões formais. O interesse do jovem milionário pelo Brasil vinha desde antes da guerra. Em 1937, antes do golpe do Estado Novo, ele passou alguns dias entre Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Durante o con-

flito mundial manteve estreitos contatos governamentais com o Brasil de Vargas. Depois da guerra, aproximou-se ainda mais de nosso país. Manteve contato com intelectuais de esquerda, de direita e independentes, fez amizade com políticos, artistas, agricultores, fazendeiros, banqueiros, escritores, jornalistas, cientistas, arquitetos e simples empregados de suas empresas. Seu irmão mais novo, David Rockefeller, afirmou:

[...] não houve outro americano tão popular entre os latinos da época. Nelson demonstrava grande satisfação pelo seu envolvimento e pelos vários amigos que fez lá. Minha impressão é que ele, quase no fim da vida, olhava para os anos que dedicou à América Latina como os mais felizes de sua existência.⁴

Nelson veio dez vezes ao Brasil, a maioria delas para tratar de negócios vinculados a um grande projeto econômico, político e social destinado a manter o país a salvo das tentações socialistas, comunistas e mesmo nacionalistas.

Ainda quando chefe do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, uma obsessão anticomunista já o dominava. Depois da guerra ele passou a contar com argumentos historicamente inquestionáveis: o nazismo foi, na primeira metade da década de 1940, o inimigo real a ser combatido. No entanto, era um inimigo que estava com os dias contados, pois não tinha como expandir-se. Só proliferou em um mundo tomado pelo racismo e pelo nacionalismo doentio, excludente. O comunismo soviético, outrora aliado de circunstância, dava, ao contrário, claros sinais de longa vida: parecia cada vez mais saudável. Era esse, portanto, o adversário a ser temido e combatido de todas as formas. Os apelos dos comunistas eram internacionalistas, com promessas de um mundo sem classes, sem pobres e, evidentemente, sem ricos. Nada de chamamentos esotéricos como uma suposta superioridade ra-

cial dos nazistas. Os comunistas ofereciam um mundo concreto, uma alternativa ao liberalismo capitalista. Ou seja, o comunismo era o principal inimigo e devia ser combatido mais com inteligência e argúcia do que com força.

Nelson Rockefeller temia que o governo norte-americano não reconhecesse a importância das repúblicas latino-americanas no combate ao comunismo. Ele parecia dizer: “Cuidado, podemos perder os vizinhos mais próximos, o nosso *backyard*”, como diziam os americanos. Para ele, era aqui, na América Latina, e não somente na Europa, que poderia ser garantida a segurança e, portanto, o futuro dos Estados Unidos. E, se os órgãos governamentais norte-americanos não pretendiam fazer muita coisa nesse sentido, ele o fazia. Era seu destino, sua missão. Sentia-se predestinado a realizá-la. Tinha planos especiais para o nosso país.

A atuação de Nelson Rockefeller no Brasil é o objeto deste livro.